

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Vinte e três de junho de 1128... Um tropel de cavalos e tinidos de armas perturbam, nesse dia de sol, a serenidade dos campos. É uma avalanche de ferro que, qual onda devastadora, segue impetuosa como o furacão, terrível como a tormenta, sinistra como a ira dos deuses, em direção a Guimarães.

Por onde passa destrói, arrasa, fulmina, levando adiante de si a morte e deixando ficar atrás de si a sombra do pavôr.

A pobre gente dos campos, tremula, silenciosa, com o susto na face e o assombro no olhar, deixa-se ficar a fazer o sinal da cruz, ao vêr passar lá ao longe êsse pelotão sinistro de cavaleiros irados, essas criaturas negras, formidáveis, horrendas, que, em coluna cerrada, como doidos, como demónios, fazendo lembrar os gigantes dos tempos heroicos, montados em cavalos ferozes de Numídia, as armas a brilhar e os olhos a luzir, erguidos nos estribos, vão atirar ao longe o gume cortante das espadas e o peso dos guantes.

Quem são êstes guerreiros negros, vestidos de ferro, armados até aos dentes, as púas luzentes das lanças a apontarem no infinito o deus da sua crença, que assim desaparecem levados pelo destino e não temem a morte? Cavaleiros de Cristo.

Aonde vão? A conquista. Quem os guia? Uma criança! Uma criança loura, imberbe, de olhos azuis, muito azuis, quasi cãndidos, criança com ombros de gigante e todas as proporções dum atleta, que vai na frente, na frente de todos, a sorrir-lhes, a atrai-los, a levá-los à morte. E vão. E seguem essa criança que lhes sorri e os seduz, envolvidos em nuvem de espessa poeira que os cega mas os não detem, levados pelo galope desfêchado dos cavalos bravios, e descem aos fundos vales para irem aparecer nas altas serranias, descobrindo, a cada instante, horizontes novos, largos, grandes como grandes são o seu furôr, a sua ambição e a sua avidez de glória, a glória de combater, a glória de matar.

Nada os detem. O seu caminho é em frente. E em frente vão, enterrando as púas das esporas nos ventres ensanguentados das montadas que, na agonia da dôr, suplicio de fogo que lhes morde a entranha, obedientes ao freio e doces ao castigo, se atiram em frente, ás upas, aos galões, cegas, enlouquecidas, na corrida vertigi-



Sólo rodado da época de D. Afonso Henriques

A primeira tarde portuguesa

(S. Mamede -- 24-Junho-1128)

nosa e insensata de centauros furiosos.

E seguem o seu guia, o seu chefe, o cavaleiro imberbe que lhes sorri e com o olhar scintilante, os arrasta atrás de si. O rosto dêste guerreiro, o rosto desta criança, é energico, o seu olhar audaz, o seu sorriso feito de astúcia. É uma criança mas no seu largo peito há um coração de homem. É uma criança e é um semi-deus. De quando em quando ergue-se nos estribos, volta-se na sela, contempla com um sorriso altivo os seus guerreiros, chamados, leva-os, seduzindo-os, atraindo-os, dominando-os pela scentilha magnética do seu olhar azul, do seu olhar de criança e brandindo, sôbre o capacete de aço que mal lhe encobre a cabeleira ruiva, o montante de dois gumes, grita-lhes:

—Por São Tiago!

Os cascos dos cavalos arrancam chispas de fogo ás arestas pedregosas do caminho. As redeas vão folgadas. E a criança sorrindo sempre, incita os seus cavaleiros, chama-os, leva-os, e belo, grandioso, audaz, brada:

—Por São Tiago!... Por São Tiago!... Avante!

E a êste apelo responde um rugido de mil gargantas:

—Por Afonso! Avante!

É Afonso Henriques, êsse que venceu Irmar e, no ultimo quartel da vida Iussuf-Abn-Jacob, que ali vai. É o rebelde.

Aquela criança de grande cabeleira ruiva e olhos com a côr do céu, é o neto de Afonso VI de Leão e de Ximena Muniones, é êsse que mais tarde destruiu o poder dos mouros e a religião de Mahomet, é o terrível Ibn Errik; é essa figura antiga, assombrosa, do fundador de uma nacionalidade, o fundador da primeira dinastia dos Reis de Portugal, que vai lançar a primeira pedra da sua obra, saltando sôbre o corpo escultural da que lhe deu o ser, amordaçando-lhe o protesto e chumbando-lhe os pés costumados a calçar alcatifas, ao muro de uma prisão escura e dando-lhe para trono da sua grandeza decaída, trono da sua desgraça, o miserável escabelo onde passou, curvada e acabrunhada, com saudades mas sem lágrimas, os últimos anos da vida; é, enfim, êsse a quem a sorte nunca abandonou, é a avalanche, é a tempestade que vai cair sôbre os muros de Guimarães e cravar no adarve mais alto dêstes o estandarte da revolução victoriosa, o estandarte da rebeldia que ficou sendo o estandarte dos reis de Portugal.

E a sua voz sonora, vibrante como um clarim, repetia erguendo a espada luzente:

—Por São Tiago!

Lá adiante, muito adiante, na linha sinuosa do horizonte, começou a erguer-se, esfumada, quasi sem forma, a silhueta de uma torre severa, a torre de menagem dum castelo roqueiro de onde as sentinelas vigilantes atiravam longe o olhar atento. Magestoso e pesado, esmagando as ruínas da antiga Araduca, via-se de longe o berço da monarchia portuguesa,



D. Afonso Henriques

joia desengastada da côroa de Afonso VI de Leão e dada por êste a Henrique de Borgonha; e ao vêr a terra que foi seu berço, no rosto de Afonso Henriques espalhou-se a alegria, não a alegria de vêr a Pátria mas a alegria de vêr a conquista. E bradou: Enfim!

Mais uma vez se voltou para os cavaleiros que o seguiam e indicou-lhes com a espada os muros de Guimarães já bem detalhados e esbatidos vigorosamente na luz doentia do sol poente.

—Além... Por S. Tiago!... Avante!

E como se aquele brado fôsse um apêlo e como se o apêlo ouvido fôsse, os guerreiros de Afonso Henriques viram içar nas muralhas do vestuto castelo, abrindo-se ao vento e alegrando o céu como se fora um galhardete, o pendão de guerra da viuva de Henrique de Borgonha; e viram, à sua sombra, como sôb a sua

proteção, imóvel como estátua de bronze, um vulto de mulher que assistia à chegada da avalanche, à chegada da tempestade.

Na manhã de 24 de junho do ano de 1128, dia quente de sol, os guerreiros destas duas figuras primaciais da monarchia portuguesa, chocaram-se na defesa do que um e outro consideravam seu dominio e o seu legitimo direito e nas ameias da torre mais alta do Castelo de Guimarães, Teresa de Leão, que na véspera vira chegar seu filho, via-o agora, na planície, estender as suas fôrças em linha de batalha. No adarve da torre maior, a mais alta, a torre de menagem do Castelo de Guimarães, berço modesto da monarchia portuguesa, tremulava, alegre como um galhardete, desfraldado ao vento brando daquela manhã formosa, o pavilhão de guerra da rainha, lançando o mais formal de todos os desafios à temeridade dessa criança loura e imberbe que mais tarde veio a ser Ibn Errik, o flagelo da gente serracena e, ainda mais tarde, o rei conquistador da Pátria Portuguesa; e em baixo, na planície, no meio do escól da nobreza descontente, tremulava, também, já desfraldado, o pendão da rebeldia.

Para qual dêstes pendões a vitória?

Nos arraiais de Afonso Henriques, trombetas anunciaram a hora da investida.

Foi o toque de unir; o toque de sentido.

Agrupada em torno do chefe, figura já prestigiosa, êsse guerreiro imberbe, adolescente destemido que ria do perigo e assombrou pela bravura, a melhor de todas as suas armas e resumiu tôda a politica que o fez ascender ao trono, a nobreza, formou em coluna cerrada para o primeiro embate. E atrás da nobreza, em grande linha envolvente que devia ir abraçar num círculo de ferro a muralha inerte, firmou a pionagem.

Luziam arnezes, brilhavam na saia de capacetes e púas aceradas de lanças refulgiam ao sol, gambiarra colossal a sorrir, lá de cima, e a dourar um cenário feérico.

A frente daquela massa compacta de ferro, Afonso Henriques, figura primacial da tragédia que ia ensanguentar o campo de S. Mamede. Sorria. Sorria, como sempre, e como sempre sorriu durante tôda a sua vida.

E o seu olhar vivo, azul, feito de astúcia, ia medir a altura das muralhas que, se as portas resistissem aos golpes dos chuços, seria preciso escalar num lance audacioso, para ir abater o pendão

atrevido que manchava a pureza do céu e aviltava a memória dum morto, afrontando-o a êle, pondo-noroso herdeiro de um nome sem nodoa. Era uma afronta, era. E aquela flâmula alegre que o vento batia e desfraldava, afronta esbaltada no infinito, devia vir, antes da noute, como uma ave ferida, como um trapo sujo, cair aos seus pés, que a calcariam.

Tinha de ser. E havia de ser.

Cavalos escarvavam, impacientes, na inquietação das esporas que lhes mordiam os ilhais, o chão endurecido da campina raza.

Nos rostos dos homens havia rictus de furor. Tiniam armas. E à frente dos guerreiros, sorrindo, com a espada nua e o elmo reluzente, estava Afonso Henriques, alegre, animado, belo e resolutivo. Ao passo do seu cavalo negro, como numa revista, mediu as suas fôrças, mediu um por um os seus barões arrogantes.

Sorriu-lhes. E erguendo a espada, bradou-lhes:

—Avante!

Respondeu-lhe um grito que foi um bramido.

—Por São Tiago! Por Afonso!

—Ao galope—comandou. E a avalanche precipitou-se guiada pela voz mágica daquela criança que gritava, gritava sempre:

Ao galope! Ao galope!

E aqueles homens que iam matar e iam morrer, matar sem piedade, morrer com galhardia, a galhardia tradicional da gente lusitana, seguiram cegamente, como loucos, hipnotizados, as púas das esporas cravadas nos flancos das montadas, as lanças enristadas, a fúria no semblante e a intrepidez no olhar, a criança que lhes sorria, a criança que os guiava, o semi-deus fascinante que os levava à vitória.

Correndo, correndo sempre, com os olhos postos no chefe, semi deus formidável, criança com ombros de titan, alguns corriam para a morte, alguns corriam para a glória.

Logo atrás da criança, medonho, irado, as redeas abandonadas, os braços abertos, montante numa das mãos, a lança na outra mão, figura de exterminio, lá ia Mem Fernandes, audaz, temerário, êsse que por suas façanhas se immortalizou neste dia histórico, segundo resa a história.

Que poder resistiria ao poder daqueles homens, daqueles heróis



Sólo rodado da época de D. Afonso Henriques



Igreja
de
S. Miguel
do
Castelo

dominados pela loucura da conquista e pela sede da glória?

*

—Por Afonso! Por São Tiago!

Lá adiante o castelo silencioso. Nem um brado de sentinela. Nem uma figura animada de alguém que vigia. Nas muralhas nem um tinido de armas nem um sinal de vida. Só na torre alta a dizer que ali há vida, o pendão da infanta rainha agitado pelo vento brando da manhã, põe no céu azul a alegria da sua brancura e atira sarcástico desafio ao guante de ferro do príncipe rebelde, aquele ambicioso que, na sua inconsciência e servindo a própria ambição, outras ambições servia.

—Por São Tiago! Avante!

Olhos ávidos espreitavam, pelas seteiras, aquele galope desenfreado, galope de cavalos sem reideas, enlouquecidos pela dor que os acicates lhes punham nos flancos sangrentos.

E Afonso Henriques, audaz, sorridente, sem medo, direito na sela, firme nos estribos, reideas abandonadas para brandir, a duas mãos, o montante luzente, lançava ao vento o seu grito sonoro e vibrante como um clarim de combate:

—Avante! Ao galope!

*

As muralhas do castelo cada vez mais próximas, parecem cada vez mais altas.

E a voz sonora do semi-deus imberbe, brada sempre:

—Ao galope! Ao galope!

Entre a fortaleza e a avalanche há, agora, mil metros e nos lábios de Afonso Henriques o mesmo grito:

—Ao galope!

Numa corrida insensata, quinhentos metros são galgados e de pé nos estribos, a criança incita a muralha movediça de ferro a ir de encontro à muralha inerte de pedra.

A distancia que separa aquelas duas muralhas é cada vez mais curta e a voz que incita a avalanche é cada vez mais vibrante, cada vez mais sonora:

—Avante! Avante!

Nisto as portas da fortaleza abrem-se com estrépito para vomitarem um pelotão de gigantes, legião formidável de demónios negros montando cavalos furiosos. São muitos. Tantos os que saem, quantos os que chegam.

Dobrados nas selas, as lanças enristadas, cobertos com os escudos em que brilham as armas de Tereza de Leão, partem numa carreira fantástica, alucinante, desesperada, na ância dos que querem esmagar e vencer, sem dó da vida alheia e desprezando a própria vida, para cair, para cair às cegas, à doída, morra quem morrer, como um dardo, cunha formidável que se crava na falange

também formidável do príncipe rebelde.

—Por Tereza!
—Por São Tiago!
—Por Afonso!

Ao embate seguiu-se um clamor, bramidos e uivos, urros e gemidos. Pragas escaparam de lábios expirantes.

Epiléticos, furiosos, o peito oferecido às lanças, a vida jogada no lance incerto do combate, os guerreiros de Fernão de Trava defrontaram e detiveram, um instante, só um instante, a linha envolvente dos cavaleiros inabaláveis de Afonso Henriques.

Foi fantástico! E foi titânico!

—Por Tereza!
—Por Afonso!

Nos lábios havia espuma de sangue. Os olhos tinham relampagos. Por cada praga uma queixa, por cada queixa o último suspiro.

Cavaleiros de Cristo contra cavaleiros de Cristo, peito contra peito, ferro contra ferro, achas fendendo crancos, lanças furando ventres, montantes ensanguentados a rasgar gargantas, cada praga correspondia a um golpe e cada golpe talhava uma mortalha. Corpos foram ao chão. Na última agonia, guerreiros mordiam a terra. Cavalos sem cavaleiros fugiam doidos.

—Por Tereza!
—Por Afonso!

Foram duas ondas bravias, rugidoras, negras, ondas de temporal desfeito que se atiraram uma contra a outra.

Foi poderosa avalanche contra poderosa avalanche.

Uma avalanche cedeu. Outra avalanche passou.

E deste choque formidável, ainda até nós chegam, retumbantes, os ecos temerosos, nestes versos de Camões:

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue próprio da intestina guerra
Onde a mãe que tão pouco o parecia,
A seu filho negou amor e terra.

E sem armas e sem brio, com o medo na alma e o pavor nos olhos, possuídos da loucura da covardia, loucura contaminável que produz o pânico e arrasta os exércitos à derrota, os vencidos cavaleiros de Leão e de Castela assoldados por Fernão Peres de Trava abandonavam o campo juncado de cadáveres e fugiram à rédea solta levando o desespero na alma e a raiva no coração.

*

Atirados os chuços e os machados às portas massiças e quasi invulneráveis da vetusta fortaleza, estas voaram e o ciclone devastador guiado pela mão do semi-deus imberbe foi abater na torre mais alta o pendão que não passava de bandeira protectora da prostituição de uma rainha. E sobre esta bandeira logo substituída por uma outra, passou o semi-deus.

*

A's portas chapeadas de ferro da adusta fortaleza os últimos defensores de Tereza de Leão, renderam-se. Lá dentro, o silêncio. Na corredoura, na alcáçova, na praça de armas, nos passadiços estreitos sobre que as muralhas punham grandes sombras, ninguém.

Rodeado pelos seus ferros guerreiros, os seus barões, aqueles barões assinalados de que reza a história, entre eles e mais em destaque, Soeiro Mendes, Ermigio Moniz, Fernão Mendes, o Bravo, Garcia Soares, Paio Delgado, Mem Fernandes, o herói deste dia assinalado, Sanches Nunes de Barbosa, Gonçalo de Bragança, o vencedor entrou na terra onde nascera e de onde saíra quasi proscrito.

Todas estas grandes figuras da antiguidade cujos nomes ficaram gravados nas páginas da história se agrupavam em torno do jovem Afonso Henriques, pedra angular das suas ambições, na coesão de forças produtoras de uma força invencível que os tornava invulneráveis.

Se, como moléculas de um grande corpo estas forças se desagregassem, o temível Ibn Errik dos mouros não teria passado dum triste cavaleiro andante sem fama e sem glória e a parte da Lusitânia em que se estabeleceu o domínio deste herói antigo, não teria nunca sido a nacionalidade que ainda hoje é.

*

Baixara a noute sobre o campo desta batalha memorável que foi o início da formação de um estado independente.

As muralhas denegridas do castelo de Guimarães, testemunha impassível e muda da carnificina, eram sombra confusa, sombra mais negra que a noute, como o aspecto frio das cousas imóveis posta no meio da treva.

Nas ameias havia, agora, perfis de soldados que vigiavam o campo em que esvoaçavam corvos disputando farrapos de carne humana; nas masmorras húmidas jaziam, com os pés acorrentados, os poucos cavaleiros que tinham ficado para defenderem a sua soberana; e na alcáçova, com sentinelas à vista, Tereza de Leão, aguardando o seu destino.

*

Foi à luz broxuleante e vermelha de fachos conduzidos por guerreiros que o filho do conde de Guimarães penetrou na capital dos seus dominios, foco de onde irradiou todo o seu poder.

Na praça d'armas os cavaleiros formavam alas e cruzavam os montantes ainda ensanguentados e por um corredor de paredes férreas transitou altivo, o vencedor.

A MENSAGEM

"Assassino! levanta esse guante se ousas!",

Alexandre Herculano—De «O Bôbo».

.....
Mas de repente um som agudo e prolongado
De busina toou no bosque emaranhado
Junto ao váu da Madroa...
Almoguares, bem perto, escutam a toada
Parecida de paz ou grande nova bôa
E se encaminham, logo, ao pé da cavalgada...

.....
Egas breve se explica em voz sumida e cava:
— Mensagem p'rá Rainha e p'ra o Conde de Tráva...

.....
Um pagem vem busca-lo e a ponte levadiça
Da carcova, p'los seus, atravessa seguido...
Leva alta a cerviç como quem vai p'rá liça!

.....
Em sala d'armas entra altivo e destemido.

.....
O Conde aragonez em pé e rodeado
Dos seus maior's barões encara-o bem de frente,
Depois lhe diz com odio, o olhar vésgo e turbado:
— Doe-me não vos esp'rar como hospede, sómente,
Receber-vos como hospede e doe-me, cavaleiro,
De vos dizer aqui, bem alto e bem a frio,
Que vos acho vilão, assim, em mensageiro
De rebeldes vilões ao nosso poderio!—

.....
Egas abafa a ira a escaldar-lhe a alma
E lhe responde, pois, com simulada calma:
— Como filho que é dum barão leonez,
Dos francos p'lo seu fóro e pelo fóro antigo
Da nobreza de Hespanha, e uso d'altivez,
E lei d'aquem e alem sérras, Senhór, vos digo
Que toca a D. Affonso, ao nosso irmão lial,
Toda a herança, de vez, do nosso Portugal!
Não venho aqui em pró, ah! não, de rebeldia!...
Vilões e insaunções, o cléro e a burguezia,
Me enviam, e aqui sou, p'ra vos dizer. «Sabei
Que d'or'avante o Infante é desta Patria Rei!»—

.....
E o moço Egas Moniz, soberbo de coragem,
Depõe as mãos do Conde a imparida mensagem
E acaba em forte voz: — Se recusais a paz,
Diante este Castello ou nos seus proprios muros
Amanhã teréis vós a lucta féva, audaz,
Com ataques brutais, terrivelmente duros!...—

.....
— Acabaste?... Mais nada?... A resposta já segue...
E o Conde a esmurmar raina, e gago, e escarminho,
Em tiras esfarrapa a mensagem entregue:
— Vê, cóbarde e infame: eu rasgo o pergaminho!...

.....
Egas Moniz dá um passo e a sua luva aos pés
Atira, sem pavor, do bruto aragonez...

.....
Depois a sua voz terrível, qual trovão,
Ecôa pela sala: — Escuta p'erro, oh cão
Faminto de Galiça!... Escuta, oh vil corrupto!...
Cobarde e infame és tu!... Ouviste, prostitudo,
Safado roubador da nossa terra e cousas?!...
«Assassino! levanta esse guante se ousas!...»

Junho de 1928.

DELFIN DE VIMARANES.

«O Passado!...»

Mas o Passado não é a história que termina — é a história que vai continuar. Não é um motivo de contemplação — é uma fonte de inspiração. É um exemplo. É uma lição. É uma força de realidade. É a raiz duma árvore frondosa, que ainda não deu todos os seus frutos. É a certeza da vitória futura, serenamente brotando das certezas das vitórias passadas...

João de Barros.

O arcebispo de Braga, cobrindo com o escudo a figura imponente do semi-deus, gritou:

—Rial! Rial! Rial! por Afonso Henriques, rei de Portugal!

E num brado unísono, centenas de vozes repetiram:

—Rial! Rial! Rial! por Afonso Henriques, rei de Portugal!

Ao rosto varonil e belo do juvenil soberano veio o mais radiante clarão de alegria.

Nascera, naquele instante, o primeiro rei dos portugueses.

.....
«De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue próprio da intestina guerra
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com ele posta em campo já se via:
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era o maior».

CAMÕES—"Lusiadas",—Canto III, Est. XXXI

Batalha de S. Mamede

São passados oitocentos anos que o Estandarte Nacional tremulou ovante aos hinos da vitória.

Comemorando-se esta data, honra-se a coragem, a bravura e a memoria dos nossos soldados. Recordemos, pois, tão glorioso triunfo e depositemos uma lagrima saudosa sobre a sepultura desses bravos guerreiros, que repeliram uma ofensa cruel aos brios da nossa Pátria...

Julho de 1928.

M. Menezes.

PORTUGAL

No VIII Centenário da
Batalha de S. Mamede

*De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue próprio da íntestina guerra...*

Lusitadas—Com. III, Est. XXXI.

O cavaleiro fidalgo sonhara um sonho doirado em que o anjo luminoso lhe apontava um trono no meio de um punhado de heroes, ávidos de liberdade, ciosos dos seus direitos e crentes do seu acto. Enlevado na beleza, da sua visão o jovem guerreiro enverga a sua armadura e lança-se denodadamente na luta para a realização do seu ideal sonhado.

Já não lhe servem de obstáculos os conselhos dos grandes da corte nem lhe poem entrance as ameaças de Sua Mãe. Os seus soldados, cheios de entusiasmo pela coragem e audacia do chefe não trepidam ante o perigo das massas hostis e proclamaram seu unico Senhor D. Afonso Henriques.

Estava dado o primeiro passo para a almejada solução; abria-se diante dele o caminho que havia de conduzi-lo no trono de um novo reino.

Contra a sua atitude de rebeldia desencadeou D. Teresa todo o seu rancor, não conseguindo porem dissuadir o filho do seu intento.

D. Afonso Henriques assume uma atitude de guerreiro indomável e em vão os apaniguados de Castela lhe procuram estorvar a marcha. As hostes inimigas vão sendo desbaratadas á medida que se aproximam e os encontros sucedem-se, defendendo D. Afonso o seu lindo Castello de Guimarães com todo o ardor de um temível guerreiro.

Trava-se uma batalha encarniçada, que deve decidir da vista do jovem rebelde.

Pelos campos que altaneiramente domina o formoso castello onde nascera D. Afonso alargam-se as colunas inimigas, contra os quais investe, sedenta de gloria, de liberdade e de independencia a massa aguerrida do Infante.

Ferira-se a batalha de S. Mamede da qual saía victorioso o seu pendão e D. Afonso Henriques, coberto de louros, proclamava cheio de justo orgulho, a independencia dos seus dominios.

Guimarães passava a ser a capital do novo povo livre e no seu roqueiro castello estabelecia D. Afonso a sua corte. Estava criada o reino de Portugal, era novo país donde haviam de sair os maiores heroes do mundo; essa nova nação que dentro de breves anos ia estender os seus braços aos confins do mundo. Foi há oito séculos que da batalha de S. Mamede nasceu o nome querido Portugal; foi Guimarães o seu berço.

O sangue guerreiro que os partidarios de D. Afonso Henriques derramaram para conquistar a independencia dos seus dominios foi a semente bendita que havia de germinar em uma pleiade de heroes que através dos séculos tem sabido impôr o nome de Portugal.

E porque assim é, justificado está todo o nosso entusiasmo na celebração do VIII centenario da batalha de S. Mamede, de que representa o primeiro feito glorioso de um povo cheio de nobi-

Pela consequencia da victoria obtida na batalha de S. Mamede — a formação do estado uno que é Portugal —, impõe-se-nos o dever de, como portugueses e patriotas, não esquecer a data memoravel que foi tambem o nosso primeiro sôpro de vida, essa "tarde," maravilhosa em que a constancia e o esforço para a emancipação "são um dos mais belos exemplos daquela energia moral de que tão rica era a idade média," (V. Herculano — Historia de Portugal, 2.º vol. pg. 146).

Não pelo feito de armas praticado no campo da Ataca ou da Arroja, que a luta fôra apenas encontro breve e pouco duradouro; mas façamo-lo, sim, pelo sentido da revolta dos parciais do moço infante Afonso Henriques, pelo significado de ideal e de amor á terra a librarem-se em iguais alturas.

Já Hugo escreveu que "toda a revolução, como factio normal, contem em si a sua legitimidade," e o movimento de 1128 foi de per si tão legitimo, de tanta necessidade e veio tanto a proposito, que o acidente do desvario do Rainha ou egoísmo passional do Conde de Trava em nada obstar a ficção a tomar a forma duma realidade.

Esse grito formidavel dos senhores de Entre-Douro e Minho, patenteou a vontade de todos os varões do Condado Portugalense e interpretou a repulsa por todos os contrasensos, por todos êrros, enfezamentos ou ludibrios, tão natural e logicamente, que o lôgro, se lôgro houve, com que tentariam defender os seus tractos de terreno transformou-se em autoridade suprema e, d'aí, em ideia da nacionalidade.

O fulcro estava assim marcado, e, em tórno dele, se foi deliniando a nação que, mais tarde, denominar-se-ia a Nação Portuguesa.

F. C.

"A mesma ânsia de liberdade, que armava contra as águias romanas os fundibulários lusitanos, ressurgiu em plena Idade Média nos arrojados cavaleiros, que romperam na face dos reis de Castela e Leão os vinculos de vassalagem, que arrebataram palmo a palmo aos invasores mouriscos o território onde queriam gerar uma nação de homens livres."

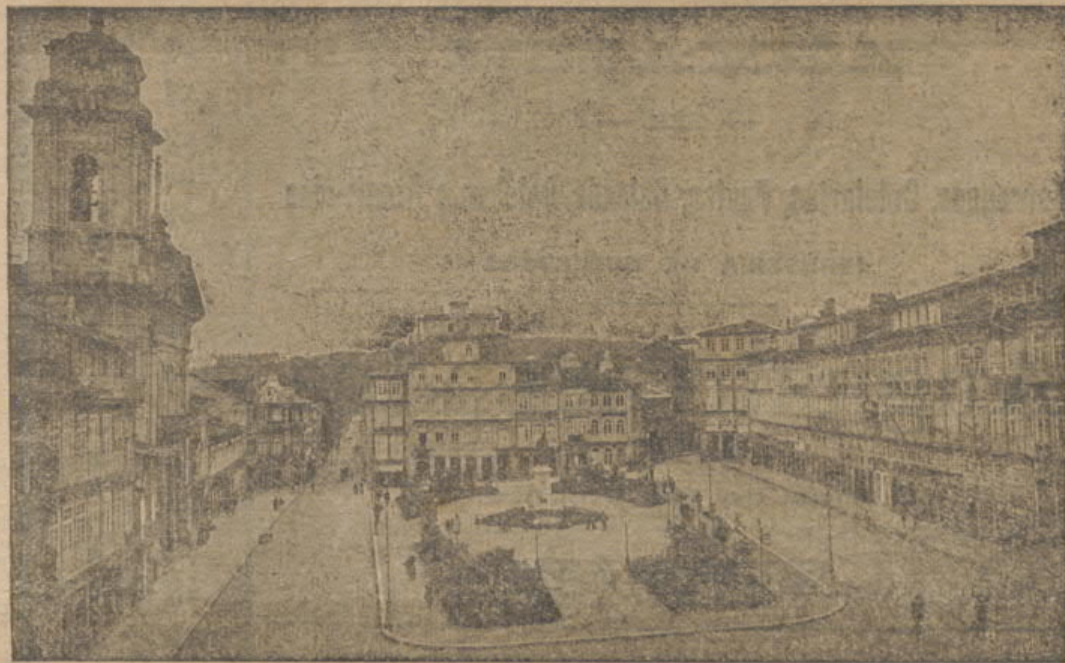
H. Lopes de Mendonça.

lissimas tradições; com uma historia brilhante onde a todos os momentos são escritas paginas de vivo a impôr, a nobilitar e a engrandecer o nosso sempre grande, sempre belo, sempre heroico, sempre querido Portugal.

A. F.

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

Praça
de
D. Afonso
Henriques

A propósito de
Afonso Henriques

Escreveu-me há pouco o Poeta Snr. Afonso Lopes Vieira estas palavras: "Nunca como agora foi preciso manter o culto dos heroes." E ficou-me gravada no pensamento esta sentença, pela pessoa de quem vinha e pela ideia nobre que encerrava.

No meio da indiferença geral, da ironia demolidora, do egoísmo despresível, das divergencias irreductiveis de opinião política ou religiosa, das retaliações misérrimas,—no altar da Patria, á mingua de oferendas, o fogo sagrado bruxoleia, quasi a extinguir-se na lucerna votiva! Aos heroes, como os santos, faltam os crentes! Contudo um ou outro peregrino, cuja fé inabalavel move as montanhas, se aproxima e vai mantendo o fogo, a luz...

E, um dia, esta fé comunicativa e ardente, creando prosélitos ás dezenas, aos centos, aos milhares, transmutará o fio de luz, trémulo, incerto, em chama, em clarão, em labareda, em incendio, em aurora, em dia pleno e rutilo! E então os portugueses, nossos filhos, nossos netos, quem sabe lá daqui a quantos anos, cedo ou tarde, não-de ver, contudo e através dos mais formidandos obstáculos, resurgir a velha Pátria, o Portugal antigo dos defensores da terra e da grei, do lar e da familia, da bondade e do amor, da força e do trabalho!

Bem hajam, pois, os que hoje, no meio da indeferença comodista e até da opposição aggressiva de tantos a quem mais competia não recuar e dar exemplo a seguir, sacrificaram algumas horas do seu breve descanso ou interesse pessoal por um dever cívico, pela comemoração dessa bronzia figura lendaria de Afonso Henriques—fundador da Nacionalidade, lídimo heroe portugalense, o primeiro d'entre tantos, no tempo, no esforço e na grandeza d'ânimo!

Mário Cardozo.

"Se na batalha do campo de S. Mamede, em que Afonso Henriques arrancou definitivamente o poder das mãos de sua mãe, ou antes das do conde de Trava, a sorte das armas lhes houvera sido

adversa, constituiríamos provávelmente hoje uma provincia de Hespanha. Mas no progresso da civilização humana tinhamos uma missão á cumprir. Era necessário que no último ocidente da Europa surgisse um povo, cheio de actividade e vigor, para cuja acção fôsse insufficiente o ambito da terra pátria, um povo de homens de imaginação ardente, apaixonados do incognito, do misterioso, amando balouçar-se no dorso das vagas ou correr por cima delas envoltos no temporal, e cujos destinos eram conquistar para o cristianismo e para a civilização tres partes do mundo, devendo ter em recompensa unicamente a glória. E a glória dele é tanto maior quanto, encerrado na estreiteza de breves limites, sumido no meio dos grandes impérios da terra, o seu nome retumbou por todo o globo."

Alexandre Herculano.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenario da
Batalha de S. Mamede

(Continuado do n.º 194)

Desaparecia o seu provavel rival ás benesses de D. Urraca que afinal lhe caiu nos traçoerios braços. Após esta peleja recolheram-se os dois exercitos á vila de Sebúveda que pouco distava do campo da batalha. Alguem se aproximou então do velho D. Henrique. Os adeptos da fragil D. Urraca exprobaram-lhe a injúria de seguir um príncipe estranho. E o conde D. Henrique concentrou-se; e, denegando por sua vez o tratado que provisoriamente o acorrentava a Afonso de Aragão, aliou-se á viuva de Raimundo, que mais largas promessas lhe fizera. Vemos que o filho de Sibyla se dispunha quasi sempre como senhor, esquecendo a qualidade de súbdito. E' que de facto D. Henrique caminhava para a independencia a passos verdadeiramente agigantados, fazendo muita vez, das emergencias as suas armas de momento. Principiava a individualizar o nome de Portucalense.

O significado de «Pátria», consubstanciando-se, estava por consequencia no seu período de gestação. E surgiu precisamente no momento em que os nossos ricos homens se lembraram de designar por estrangeiros a todos os que se bandeavam por Castela, Leão, Galiza e outras terras: —duma maneira geral a todos os não filhos deste minúsculo torrão.

(Continúa).

Carta de el-rei D. Sebastião ao prelado do
mosteiro de Santa
Cruz de Coimbra

"Padre geral e convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Eu el-rei vos envio muito saudar. Eu me tenho publicado em haver de fazer por mim, com a ajuda de Nosso Senhor, nma empresa em Africa, por muitas e mui graves razões, mui importantes ao bem de meus reinos, e de toda Hespanha; de que tambem resulta beneficio á christandade o que me pareceu escrever-vos assim para encomendar ao Nosso Senhor o bom successo d'esta empreza, que por seu serviço faço, como para vos dizer que desejo levar n'ella a espada e escudo d'aquelle grande e valoroso primeiro rei d'este reino, D. Afonso Henriques, cuja sepultura está n'esse mosteiro, porque espero em Nosso Senhor que com estas armas me dê as victorias, que el-rei D. Afonso com ellas teve. Pelo que vos encomendo muito que logo m'as mandeis por dous religiosos d'esse Convento, que para isso elegereis. E como eu embora tornar, as tornarei a enviar a esse mosteiro, para as terdes na veneração e guarda, que é devida a cujas foram, o por tudo. E por aqui entendeis que as não quero senão emprestadas para o effeito a que vou, e de quão grande contentamento isto é para mim. Escrita em Lisboa a 14 de março de 1577. — Rei.

"Para o padre geral e Convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra."

Itinerário
do
Cortejo

Saída da Parada dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, ás 17 horas.

Rua de Paio Galvão, Largo D. Afonso Henriques (lado poente), Largo Prior do Crato (lado sul e poente), Largo D. Afonso Henriques (lado nascente), Rua 31 de Janeiro, Rua Conde D. Henrique e Castello,

ARMAZEM

— DE —

Ferragens, Cutelarias, Pentes, Calçado, Colchas e Atoalhados

INDÚSTRIA DE GUIMARÃES

Augusto Mendes

45, Rua de Gil Vicente, 47

GUIMARÃES

Cervejaria e PastelariaDeposito da afamada
Confeitaria de Joane

Especialidade em Vinhos verdes.

Tomam-se encomendas para
soirées e copos de água.

LARGO DA OLIVEIRA, 33 — GUIMARÃES

Tintas e verniz para pinturas.

Vidraria e louça.

Artigos para caçadores.

Depósito da pólvora do Estado
e da tinta a água MURALINE.**Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessor**

Rua da República, 84 a 92 -- GUIMARÃES

CASA DAS NOVIDADES

FORMIDAVEL RECLAME

10.000 caixas de papel "Maria,"

50 FOLHAS e 50 ENVELOPES

Escudos 5\$00.

Fábrica de Guarda-sóis e Chapéus

— DE —

Faria & Fernandes, L.^{da}

51, Largo Prior do Crato, 54

(FILIAL)

49, Praça D. Afonso Henriques, 50

GUIMARÃES

Casa de Santa Teresinha

Rua da República, 122

PAPELARIA -- OBJECTOS DE ESCRITÓRIO -- LIVRARIA
ARTIGOS RELIGIOSOSPostais Ilustrados com vários aspectos da cidade em colecções e avulsos.
Vistas do Castelo. Estampas e livros.
Edições religiosas. Brinquedos e Miudosas.**António Luís da Silva Dantas**

133, Rua 31 de Janeiro, 135

G u i m a r ã e s**Tipografia Minerva Vimaranesse**

Papellaria - Encadernação - Livraria

FUNDADA EM DEZEMBRO DE 1895 -- INAUGURADA EM 1-1-1896

Impressões em todos os géneros.

Edições religiosas, entre as quais todas as publicações do saudoso e ilustre
vimaranense Senhor D. José Lopes Leite de Faria,
Bispo de Bragança e Miranda.

Armazem de Ferragens, Cutelarias, Pentes e Depósito de Calçado

IMPORTAÇÃO

— DE —

EXPORTAÇÃO

Guimarães & Ribeiro, L.^{da}

RUA VAL DE DONAS

GUIMARÃES

MERCEARIA E CONFEITARIA

— DE —

Sousa & Silva

(Antiga Casa de Pedro Pereira de Freitas)

Géneros alimentícios de 1.^a qualidade.

4 — Rua Francisco Agra — 4

GUIMARÃES

**O melhor café é o de
A BRASILEIRA**Encontra-se à venda este delicioso café
na casa**Francisco Joaquim de Freitas & Genro**

(CASA CHAFARICA)

70, Praça D. Afonso Henriques, 73

GUIMARÃES

:: Moído electricamente todos os dias. ::

UNIAO INDUSTRIAL

Armazem de Cabedais, Ferragens, Cutelarias, Pentes e outros artigos da Industria vimaranense.

Oliveira, Castro & C.^a, L.^{da}

Fábrica Manual de Calçado

GUIMARÃES

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(A 7 quilómetros de Guimarães e a 14 de Braga)

As únicas águas do País para a cura das doenças da pele e de seguro exito no tratamento das afeções dos aparelhos respiratório, digestivo e genito-urinário; reumatismo, sífilis, artritismo. Excelente estancia de repouso e vilgiatura, com lindos e variados passeios.

HOTEL DAS TERMAS

Edificado segundo as leis do turismo. — Recomendado pela Sociedade de Propaganda de Portugal. Instalações modernas, confortáveis e luxuosas, reunindo todas as condições de higiene e comodidade para os seus hospedes. Magníficos salões para jogos e reuniões; parque para diversões e passeios; iluminação electrica; garage; tenis. — Excelente tratamento com e sem dieta: regimes alimentares.

ESTABELECIMENTO TERMAL

As mais modernas instalações hidroterapicas para duche, imersão, inalações, pulverisações e irrigações, etc. Desinfecção pelo vapor a 180°. Tratamentos anti-sifilíticos. Instalações especiais para tratamento das doenças das Senhoras.